

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME I

XLIII

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA E O
VI SIMPÓSIO.
(Goiânia, 5 a 12 de setembro de 1971).

MARIA REGINA CUNHA RODRIGUES SIMÕES DE PAULA
do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo.

Dentre as propostas aprovadas na Assembléia Geral do VI Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História, que se realizou em Goiânia de 5 a 12 de setembro de 1971, destacar-se-á, por ora, as que seguem:

- 1ª). — Considerando que a Associação dos Professores Universitários de História irradiou-se pela quase totalidade dos Estados da Federação; considerando que cerca de mil professores recebem, atualmente, as circulares da Associação, em centenas de cidades brasileiras, propomos que a Associação dos Professores Universitários de História passe a denominar-se ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, com a adoção da seguinte sigla: A.N.P.U.H.
- 2ª). — propomos que o VII Simpósio da ANPUH seja realizado em Belo-Horizonte, na Semana da Pátria de 1973”.

Na mesma oportunidade foi votado e aprovado o seguinte temário de estudos para o VII Simpósio:

- a). — Tema fundamental: As cidades na História (urbanização);
- b). — Metodologia e didática da História;
- c). — As fontes primárias da História.

Considerando que é errando que se aprende, sugeriu-se — a fim de evitar o atropêlo acionado tanto pela entrega tardia das Comunicações, até mesmo durante o Simpósio — que se cumprisse, de fato, o prazo determinado para a remessa dos trabalhos. Assim, a última circular enviada pela Secretaria Geral, estaria capeando o calendário (programa), pormenorizado, do VII Simpósio a se realizar — medida que, além da disciplinação, iria facultar aos simposiastas opções para a escôlha das Comunicações de seu interêsse.

Eleições e Diretoria para o biênio 1972-1973.

Constando que é costume testar-se uma instituição pela força de quem a dirige, uma palavra sôbre as apurações das eleições da Diretoria e Conselho Consultivo para o biênio 1972-1973. Eleições que se processaram nos dias das sessões. De um lado, amostragem do interêsse de quase 300 eleitores. De outro, um expressivo reconhecimento, quase unânime, de que a ANPUH, para a sua própria sobrevivência precisaria, ainda, contar com o despreendimento, a humildade e a capacidade de trabalho do tripé operacional. Assim, para os cargos-chaves: presidência, secretário geral e 1º tesoureiro, foram reeleitos, respectivamente: Eurípedes Simões de Paula (FFLCH/USP), Alice Piffer Canabrava (FEA/USP) e Cecília Maria Westphalen ICH/UFP). Para as demais investiduras da Diretoria e Comissão Consultiva, verificou-se uma curiosa disparidade de votos. Sim, houve duas ou três chapas mimeografadas e afixadas. Sugestões foram levantadas e aceitas, no sentido de serem elaboradas medidas disciplinadoras, também nesse setor eleitoral, de somenos importância, mas que estava a justificar uma regulamentação. Antes foi proclamada e empossada a Diretoria e Conselho Consultivo, que se segue:

Diretoria:

Presidente — Eurípedes Simões de Paula (SP).
Vice-Presidente — Norma Goes Monttiro (MG).
Secretário-Geral — Alice Piffer Canabrava (SP).
1º Secretário — José Roberto do Amaral Lapa (SP).
2º Secretário — Paulo Sérgio Moreyra (GO).
1º Tesoureiro — Cecília Maria Westphalen (PR).
2º Tesoureiro — Helga I. R. Piccolo (RS).
Imprensa e Propaganda — Maria Regina da Cunha Rodrigues (SP).

Conselho Consultivo:

Adalgisa de Melo Vieira do Rosário (Brasília).
Amália I. Bandeira de Mello (MG).

Amaury Vasconcelos (PB).
Aydil de Carvalho Preis (RJ).
José Alves Figueiredo (CE).
José Silvério Leite (SE).

O grande comparecimento dos simposiastas.

Registrou-se a presença de 774 simposiastas em Goiânia. Qual a especificidade e procedência?

— A circular de outubro de 1971 responde à problemática acima, pois das fichas de presença foram conseguidos dados para a relação nominal dos simposiastas, agrupados tanto em categorias, como de acôrdo com as procedências estaduais; ambas em ordem alfabética. Assim, compareceram:

298 professores universitários;
119 professores secundários;
357 estudantes universitários.

774 comparecimentos.

Justifica-se lembrar que, de acôrdo com os estatutos da entidade, as duas últimas categorias comparecem às reuniões de estudo apenas como observadoras.

Nunca é demais ressaltar que, observadores e associados inscreveram-se, sabendo que tôdas as despesas de viagem, assim como as de hospedagem em Goiânia seriam, como nos Simpósios anteriores, por conta própria.

A comunidade simposiasta estava assim dividida por ordem de procedência dos Estados:

Bahia:	
1 professor universitário	
19 estudantes	20 participantes
Ceará:	
2 professores universitários	2 "
Distrito Federal:	
7 professores universitários	
1 professor secundário	
5 estudantes	13 "
Guanabara:	
12 professores universitários	12 "
Mato Grosso:	
1 professor universitário	1 "
Minas Gerais:	
19 professores universitários	

12 professores secundários		
33 estudantes	64	”
Paraíba:		
1 professor universitário	1	”
Paraná:		
25 professores universitários		
8 professores secundários		
24 estudantes	57	”
Pernambuco:		
2 professores universitários	2	”
Rio Grande do Sul:		
19 professores universitários		
1 professor secundário		
54 estudantes	74	”
Rio de Janeiro:		
9 professores universitários	9	”
Santa Catarina:		
2 professores universitários	2	”
São Paulo:		
165 professores universitários		
43 professores secundários		
125 estudantes	333	”
Sergipe:		
2 professores universitários		
9 estudantes	11	”
E o Núcleo hospedeiro — Goiás:		
31 professores universitários		
54 professores secundários		
87 estudantes	172	”
	<hr/>	
	774	participantes.

Identificadas as parcelas, justifica-se refletir sobre os aspectos positivos da presença dos estudantes, quase igual a dos professores (universitários e secundários). Eles, alunos hoje, professores amanhã, facultam supor a receptividade da tese exposta pelo presidente da ANPUH na sessão de abertura do Simpósio:

“a escolaridade pressupõe o binômio professor-aluno, aluno-professor, numa tentativa de compreensão e diálogo que, vêzes por outra, é conseguido”.

Eles que, pela sua avalanche inesperada, ocasionaram problemas de acomodação para seus colegas goianos. Eles que, pelo comportamento — não se tem notícia de nada que os desabone, — pela aten-

ção com que acompanharam as sessões de estudo, provaram e comprovaram que os nossos estudantes de História sabem distinguir o que é autêntico e conseqüentemente — válido e promissor.

Ainda uma surpresa dêste nosso encôntro de Goiânia: a presença, a efetiva participação de jovens professôres universitários. Se não fôra o risco de ferir certas suscetibilidades, sugerir-se-ia a divulgação da faixa etária dos professôres inscritos. Não seria temerário observar a predominância de professôres de História da faixa etária de 23 a 34 anos. Aquêles que compareceram à solenidade de abertura nos salões do impressionantemente funcional Clube Jaó, devem ter ouvido o presidente da entidade, ressaltando os esforços dos simposiastas pelos eventuais sacrifícios enfrentados, destacar, como se fôra um símbolo de todos êles o venerando e querido Prof. José Figueiredo Filho, autêntico representante da cultura cearense, diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, que desde o Simpósio de Pôrto-Alegre vem comparecendo e sempre trazendo valiosos trabalhos. Tomando o fio vital até a outra ponta, poder-se-ia salientar a presença do jovem e igualmente talentoso professor, credenciado pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Católica da Bahia: Júlio de Freitas Brandão, talvez o “benjamin” da irmandade da ANPUH. Sabe-se que êle transitou, diplomáticamente, entre os mais experientes e os igualmente jovens colegas; presidiu uma das sessões de estudos e noutra apresentou lúcida comunicação, concorrendo para renascer, em muitos dos presentes, o acalentado sonho de uma “aterisagem” bi-anual da hoje ANPUH, em terras baianas. Por ora, o facho da entidade está sob a custódia dos mineiros, retificando, de um punhado de jovens mineiros que resolveram promover o VII Simpósio em Belo Horizonte. Poder-se-á levar mais êste fato àquêles que, atentos às estatísticas que vêm sendo divulgadas pela UNESCO, advogam um lugar de destaque aos jovens, no mundo de hoje.

Uma das especificidades da Associação Nacional dos Professôres Universitários de História: as Comunicações, vinculadas ao temário proposto, sômente podem ser apresentadas pelos respectivos autores, dentro do tempo cronometrado da exposição (resumo oral de, no máximo, 10 minutos), seguidos de amplos debates. Intervenções levadas por escrito, à mesa e encaminhadas ao expositor que as deve responder. De imediato, oralmente e, depois, por escrito a fim de serem entregues ao presidente da sessão de estudos, que as encaminha ao editor dos ANAIS, para a efetiva divulgação. Assim, pode-se testar a fecundidade do trabalho pelas problemáticas levantadas sem alardes, sem aplausos; na mais expressiva linha de comunicações científicas. Todavia, a inexistência de relatores e a obrigatoriedade da pre-

sença do seu autor para defender o seu trabalho, parece ser uma outra originalidade da ANPUH. Isso pôde ser comprovado pelo fato do Prof. Pierre Monbeig — convidado para ser um dos conferencistas em Goiânia e que infelizmente não pôde comparecer por estar visitando a Transamazônica, e que, sem dúvida, muito gostaria de rever uma cidade que visitara 33 anos antes — com a humildade dos grandes sábios, dizer que tentaria introduzir êsse sistema nos congressos promovidos pelo Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) da França, de que é um dos dirigentes.

*

As sessões de estudo.

Em pauta o problema gerado pela apresentação das 72 Comunicações no período de 5 a 12 de setembro de 1971. Retificando, em 3 dias apenas, porquanto, de acordo com o programa pré-estabelecido pela Comissão local, houve dois dias e meio de excursões, além do primeiro dia destinado à entrega do material e abertura do Simpósio. Assim sendo, as sessões de estudos ficaram confinadas aos dias 6, 8, 9 e manhã do dia 11, sábado, já que à tarde haveria a sessão de encerramento. A solução encontrada pela cúpula deliberativa da ANPUH foi a promoção de até quatro sessões de estudos simultâneas, aliás como se faz nos grandes Congressos Internacionais: o de Viena (1965).

As sessões de estudo do VI Simpósio realizaram-se no edifício do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás. E' de justiça lembrar que a Comissão Organizadora local não poupou esforços a fim de alojar magnificamente o VI Simpósio, organizando listas de hospedagens por particulares, além do relacionamento de hotéis e pensões, êstes enviadas anteriormente à Secretaria Geral da ANPUH. Coube-lhe ainda providenciar relação de vias de acesso à capital goiana, tendo conseguido da Reitoria da Universidade que o Salão Nobre fôsse equipado, inclusive com ar condicionado, para as sessões de estudos. Mas, como ninguém podia prever o número cada vez maior de participantes e de trabalhos apresentados, foi necessário também usar salas próximas ao Auditório. Assim sendo, por um lado foi um êxito sem precedentes — os prognósticos mais otimistas supunham o comparecimento de cerca de 500 simposiastas — por outro, criou problemas, alguns bem marcantes, frente a falta de compreensão de alguns dos presentes. As 500 pastas com as comunicações mimeografadas foram insuficientes para os 774 simposiastas que compareceram. Outras dependências do edi-

fício do ICHL também tiveram que ser ocupadas com a secretaria e tesouraria da ANPUH.

Como já dissemos, nos dias 6, 8, 9 e 11 (sòmente pela manhã) tiveram seqüência as sessões de estudo simultâneas, sendo o dia 7 reservado para uma excursão a Brasília. Também o dia 10 foi consagrado a excursões ao passado histórico de Goiás. As noites foram reservadas para conferências e encontros sociais.

O encerramento, sem alarde, afinado com o slogan: "até Belo Horizonte em setembro de 1973", ocorreu no mesmo Auditorio onde se deu a 1a. sessão de estudos.

Considerações outras instrumentam moções quanto a eventual política disciplinadora a ser adotada para o próximo Simpósio, cujas deliberações devem ser objetos de circulares esclarecedoras.

Presidência das sessões.

Presidiram as sessões de abertura e encerramento respectivamente, o Prof. Dr. Paulo Bastos Pirillo, vice-reitor da Universidade Federal de Goiás e o Prof. Dr. Luís Palacin, presidente do Núcleo Regional de Goiás. Aquela no recinto do Clube de Regatas Jaó, às 20 horas de domingo, 5 de setembro de 1971, esta no Auditório do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, às 16,00 horas de sábado, dia 11 de setembro de 1971.

Quanto às sessões de estudo, a presidência coube, de acòrdo com o uso costumeiro dos Simpósios anteriores, aos presidentes dos Núcleos Regionais ou a professores vinculados a Instituições congêneres. Compondo a mesa, secretários, de preferência professores do ensino universitário do Estado hospedeiro ou de outros Núcleos. E, estabelecendo a ponte entre a mesa e a assembléia, universitárias goianas. Tôdas gracionas nos seus uniformes modernos — mais uma originalidade a marcar as boas realizações da Comissão Organizadora local — as jovens não sòmente encaminhavam à presidência da mesa os pedidos escritos de intervenções, como também transmitiam recados urgentes e, fora do recinto das sessões de estudos, atendiam os pedidos de esclarecimentos.

Considerando que se comemorava também o 10º aniversário da entidade, destacar-se-á, por ora, apenas os nomes dos presidentes vinculados a Núcleos e instituições que promoveram os cinco Simpósios anteriores. De início, uma dupla homenagem ao Prof. José Roberto do Amaral Lapa, por haver sido o autor da histórica mensagem que facultou o nascimento da nóvel entidade, que encontrou eco no espírito dos 93 professores de História, reunidos em Marília na Semana de Estudos, promovida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado de São

Paulo), na semana de 15 a 20 de outubro de 1971. Nesta ordem de idéias presidiram sessões de estudo:

- José Roberto do Amaral Lapa (FFCL/Marília. São Paulo).
- Ruy Christovão Wachowicz (ICH/UFP. Curitiba. Paraná).
- Maria Cintra Nunes Rocha (FFCL/Franca. São Paulo).
- Helga Iracema Landgraf Piccolo (ICH/UFRS. Pôrto Alegre. Rio Grande do Sul).
- Odilon Nogueira de Matos (FFCL/UCC. Campinas. São Paulo).
- Sérgio Paulo Moreyra (ICHL/UFGO. Goiânia. Goiás).

Uma primeira década.

Dez anos ininterruptos? Sim. Complementando a curiosidade daqueles que têm notícia da vida efêmera de instituições e periódicos que não contam com apôio oficial, justifica-se uma tentativa de conceituação da entidade aniversariante. Pode ser encontrada no excepcional pronunciamento da Secretária Geral, na solenidade de abertura do Simpósio. Pois esclarece a Profa. Alice Piffer Canabrava:

“— APUH... sociedade científica, integrada por maioria esmagadora de jovens, e organizada segundo os mais avançados modelos que distinguem as associações científicas atuais. Este feito não foi obra do acaso.

A Associação dos Professores Universitários de História na sua substância científica e humana, só pode ser compreendida como um botão que se desenvolveu da fértil semente que significou o estabelecimento das Faculdades de Filosofia em nosso país, desde os anos de 1934-1935 quando se fundaram as de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Nossa entidade tem suas raízes sociológicas e científicas na inquietação intelectual que, vindo de mais longe no tempo, consubstanciou-se na década dos 30, com a fundação dos institutos de ensino superior e das Universidades brasileiras. Assim, o advento do ensino superior da História em nosso país, com o objetivo de formar historiadores e professores de História, integra-se no anseio de conhecimentos da realidade brasileira, ao qual, sobretudo, a Universidade vinha servir”.

E mais adiante:

“Na APUH, seria difícil encontrar lugar para o amadorismo. A figura do amador, que cultivava a História como expressão das belas-letas, ou com a preocupação de nomes e datas, com significati-

vos por si próprios, delineava-se na aurora da década de 60, como sombra a desaparecer no passado. A ressonância de seu pensamento se circunscreve cada vez mais a círculos cada vez mais estreitos.

A nova sociedade de História, com aquele impulso de afirmação que é uma força dos jovens, atribuiu-se como objetivos seus, o aperfeiçoamento do ensino da História em nível superior, a pesquisa e a divulgação dos assuntos com respeito à História, a defesa das fontes e manifestações culturais de interesse para esses estudos. Tais objetivos contudo, são considerados uma dimensão específica — é tarefa dos professores universitários de História, o que os coloca, num contexto social científico inteiramente nôvo”.

E podendo valer como advertência:

“A entidade cresceu ao longo da década, irradiou-se pela maioria das unidades da Federação brasileira, ganhou o consenso dos que se dedicaram à pesquisa e ao ensino da História nas Universidades.

Assim aconteceu porque não brotava por acaso, mas vinha ao encontro das forças de expressão da coletividade brasileira.

Nossa entidade fundou-se e organizou-se, portanto, sob o influxo do exercício profissional da História nas Universidades brasileiras, movimento, aliás, paralelo a que se verifica com outras sociedades científicas do país. Seu sopro de vida, seu sopro de inspiração vem das Universidades e nestas, mais especialmente, das Faculdades de Filosofia, no seu grande papel de centro, por excelência, do desenvolvimento do ensino e da pesquisa de História em nível superior.

Dada esta vinculação de natureza fundamental, as crises de crescimento das nossas Universidades repercutem imediatamente em nossa confraria. A revisão dos estatutos, na agenda dos nossos trabalhos reflete o crescimento da Associação e a necessidade de mudanças. Instalou-se a APUH em Marília, em 1961, com 93 sócios fundadores. Registrados seus estatutos em junho de 1962, em São Paulo, no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 3º Ofício; tinha diante de nós, 1º secretário, a tarefa de fazê-la crescer dentro do país. Para isso impunha despertar numa grande massa de professores, uma consciência associativa, de modo a fomentar a criação e manutenção dos Núcleos Regionais da entidade, nos Estados. Este foi um trabalho paciente e tenaz, que envolveu toda a década e está prestes a se concluir”.

Historiando a expansão, informa:

“Primeiramente, logo em 1962, instalaram-se os Núcleos nos Estados onde contávamos com sócios fundadores, ou seja, os nove Estados pioneiros: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Minas Ge-

rais, Guanabara, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás. Em 1963, criaram-se os Núcleos dos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Decorreram depois disso, quatro anos de interregno, durante os quais, em momento algum, esmoreceu o empêho para fazer presente em tôdas as Faculdades de Filosofia do país, entre os seus professôres de História, que nossas cartas e circulares representavam. Em agôsto de 1967 instalaram-se os Núcleos da Paraíba e de Santa Catarina e em 1969 o de Sergipe. Os Núcleos de Brasília e do Amazonas datam respectivamente de 1970 e de 1971. Temos razões para acreditar que em futuro próximo serão fundados os do Ceará, Pará e Alagoas. Quanto aos Estados do Maranhão, Piauí e Mato Grosso, a integração da ANPUH, por seus Núcleos Regionais, talvez demore um pouco mais. Nossa entidade, portanto, merece, de fato, a nova designação a que se propõe, Associação Nacional dos Professôres Universitários de História, porque se tornou uma entidade de âmbito nacional. A nova sigla ANPUH, vem coroar dez anos de presença persistente junto aos professôres de História nos Estados para entusiasamá-los, para impregná-los d'aquela essência que em 1961 se chamou de "espírito de Marília" e que poderíamos interpretar como o espírito de fecunda atividade associativa, de um diálogo promissor, entre os professôres universitários de História".

Mil associados.

Cêrca de mil professôres estão registrados no fichário da Secretaria Geral e recebem regularmente as circulares, naquele ritmo que sòmente a inexcedível dedicação da Profa. Alice Piffer Canabrava sabe manter. Possivelmente êsse número deverá duplicar na década em curso. A vinculação processa-se através os Núcleos Regionais, sediados nas capitais dos Estados onde devem ter sido criadas as primeiras Faculdades de Filosofia. Todavia, o professor de História, o consciente professor de História, de qualquer das instituições superiores do país, seja da Capital, seja das mais remotas cidades do território nacional, pode filiar-se à entidade desde que se disponha manter correspondência com a Secretaria Geral da ANPUH cujo endêreço é o seguinte: Profa. A. P. Canabrava. Caixa Postal 8030. São Paulo.

*

A série dos ANAIS.

Os Congressos, os Simpósios nacionais, ou internacionais, dão publicidade aos seus respectivos Anais dentro do prazo previsto? Não se sabe!

Sabe-se, no entanto, que no plano das realizações positivas os ANAIS da ANPUH estão na linha de frente. De acôrdo com dados estatísticos fornecidos pela Secretaria Geral, a série completa, tem início com o volume dedicado aos trabalhos de Marília (1961), publicado em 1962; segunda-os os Anais de Curitiba (1962), publicado em 1963; o de Franca (1965) foi veiculado em 1966; o de Pôrto-Alegre (1967) foi publicado em 1969; os dois esplêndidos volumes que se publicaram recentemente (1971) enfeixam os trabalhos do V Simpósio realizado em Campinas em 1969.

Diz a Secretária Geral:

“Ao todo temos 3.250 páginas impressas, rigorosamente em dia com o ritmo de nossos certames, graças à infatigável diligência e depreendimento do Presidente da nossa entidade, que os organiza, dactilografa, revisa e constata até que os financia. Êsses volumes, por si sós, consagram a atividade da ANPUH. Deram publicidade a 135 comunicações, apresentadas, comentadas e aprovadas em nossos Simpósios, juntamente com a defesa de seus autores. Dessas, cêrca de 70 tem por objeto a análise de fatos históricos, 19 trataram de problemas de didática ou metodologia da História e cêrca de 46 ocuparam-se em arrolar as fontes primárias. Ainda que heterogênea em sua fôrça interpretativa ou como expressão da História factual, esta contribuição revela o esforço paulatino, crescente à medida que decorre o tempo, para confeir à nossa Associação seus *status científico*”.

Com êste “aval” dos Simpósios anteriores pode-se contar com a distribuição dos volumes dos ANAIS de Goiânia, antes da instalação do VII Simpósio. Antecipando-o, pode-se informar que ao encôntro de Goiânia foram levadas, apresentadas e discutidas 72 comunicações, vinculadas ao temário votado em Campinas (1969):

- 1). — Trabalho livre e trabalho escravo (tema fundamental);
- 2). — Metodologia e Didática da História;
- 3). — Fontes primárias da História.

As comunicações.

Tendo conhecimento da relação das 72 comunicações levadas ao VI Simpósio, algumas reflexões se justificam:

— do ponto de vista quantitativo foi mesmo um “record”, pois ultrapassou a metade das 135 comunicações anteriores;

— dada a problemática do encaixe no tempo balisado: 5 a 11 de setembro — mas na realidade restrito a sessões matutinas e vespertinas nos dias 6, 8, 9 e 11. Esclarecendo que na segunda-feira,

dia 6, houve só uma sessão de estudos matutina, a fim de se tentar instrumentar as demais que passaram a ser simultâneas. Outra exceção, quarta-feira, dia 8, houve apenas sessão de estudos vespertina, porquanto debateu-se um dos problemas mais atuais: o ensino pela televisão, através de comunicação de professores da Universidade de São Paulo e da projeção de filmes educativos da TV Cultura (canal 2) de São Paulo. Ainda o último dia provocou congestionamento: com sessões de estudos matutinas, conferência e excursão a Anápolis, sessão administrativa e, à tarde, sessão de encerramento. Os dias 7 e 10, como já dissemos, foram destinados a excursões a Brasília, Goiás, Pirenópolis, Pousada do Rio, Quente, respectivamente.

Uma vez por outra, quando se teve notícia da naturalidade de algum dos expositores, alertados vêzes por outra pelos presentes às sessões produziu-se um certo clima ecumênico, tão ao sabor dos nossos dias.

Ainda a própria conceituação de alguns dos temas abordados, poderá servir para uma tomada de consciência da problemática do ensino da História em todos os níveis.

Outras, pela sua especificidade científica, poderiam figurar em temários de Congressos Internacionais.

Tendo presente que os ANAIS do Simpósio transcreverão tôdas as 72 Comunicações, destacaremos, apenas como amostragem e, com a nossa inteira responsabilidade, aqueles que nos pareceram mais significativos.

Comunicações numa eventual perspectiva geográfica:

- Trabalho livre e trabalho escravo na História da China (pelo chinês *Nicholas Mu-Yu-Chen*. FFLCH/USP. São Paulo).
- A escravatura no Corão (pelo egípcio *Helmi Muhamed Ibrahim Nars*. FFLCH/USP. São Paulo).
- A legislação cristã em relação ao emprêgo do trabalho escravo por parte dos judeus na Europa Ocidental, durante a Alta Idade-Média (pelo israelita naturalizado brasileiro, *Nachman Falbel*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Sacerdócio servil na Rússia Medieval (pelo iugoslavo naturalizado brasileiro *Niko Zusek*. FEI. São Paulo).
- Fontes primárias: Município de Pôrto-Belo (SC) (pelo libanês naturalizado brasileiro *Joubran El-Mur*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Algumas considerações em torno da escravidão em Roma: o problema dos libertos (*Eurípedes Simões de Paula*. FFLCH/USP. São Paulo).

Dentre aquelas bem sintonizadas com a preferência dos dias que correm:

- Desenvolvimento, Tecnologia e História (pelo norte-americano *Victor Valla*. ITA. São José dos Campos. São Paulo).
- Relação entre Trabalho, Ciência e Tecnologia (*Shozo Motoyama*. FFLCH/USP. São Paulo).
- O emprêgo de computadores em História quantitativa no Brasil (*Maria Luiza Marcílio*. FFCL/Assis. São Paulo).
- A presença de escravos negros numa corporação religiosa mineira durante os séculos XVIII e XIX (*José da Paz Lopes*. FFCL/UFM. Belo-Horizonte. Minas Gerais).
- Modelo de aplicação e método estruturalista genético à análise da historiografia nacional (*Nilo Odália*. FFCL/Assis. São Paulo).
- O Ceará antecipa-se à abolição no país. A seca ainda faz escravos no Nordeste (*José Figueiredo Filho*. FFCL. Crato. Ceará).
- Nota prévia sobre o prego e profissão de escravos na então Província do Paraná (*Carlos Roberto Antunes dos Santos*. ICH/UFP. Curitiba. Paraná).
- Arquivos particulares — a correspondência de Bento Gomes de Escobar (*Ana Maria de Almeida Camargo*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Tráfico negreiro no Rio de Janeiro de 1823 a 1831 (*Arno Wehling*. IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro. Guanabara).
- A contribuição da Fazenda Ibicaba para a introdução do braço livre na lavoura brasileira (*José Sebastião Witter*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Participação da população livre e escrava numa codificação sócio-profissional do Rio de Janeiro (1850-1870): alguns aspectos (*Bárbara Levy*. ICH/UFF. Niterói. Rio de Janeiro).
- O trabalho compulsório: pena inquisitorial de galé (*Sônia Aparecida Siqueira*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Relação de documentos do Arquivo Histórico da Câmara Federal relativos à escravatura (*Adalgisa Maria Vieira do Rosário*. UFB/Brasília. Distrito Federal).
- Considerações em torno da interpretação das leis abolicionistas numa província fronteiriça: o Rio Grande do Sul (*Helga Irace-ma Landgraf Piccolo*. ICHL/UFRS. Pôrto-Alegre. Rio Grande do Sul).
- A extinção da escravatura em Portugal no quadro da política econômica brasileira (*Francisco José Calazans Falcon*. UFF/PUC. Rio de Janeiro. Guanabara e *Fernando Antônio Novais*. FFLCH/USP. São Paulo).
- O escravo e o direito (*Júlio de Freitas Brandão*. ICH/UCS. Salvador. Bahia).
- Fontes históricas existentes na Cúria Metropolitana de Curitiba (*Odah Regina Guimarães*. ICH/UFP. Curitiba. Paraná).

- Impedimento ao trabalho livre no período inquisitorial e as respostas da realidade brasileira (*Anita Novinsky*. FFLCH/USP. São Paulo).

Dentre as Comunicações contagiadas pela implantação da reforma educacional, lembramos:

- Metodologia da História da Cultura: perspectiva lingüística (*Maria Beatriz Nizza da Silva*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Um curso programado de História (*José Sebastião Witter*. FFLCH/USP. São Paulo e *Geraldina Pôrto Witter*. IP/USP. São Paulo).
- Ensino pela Televisão (exposição de filmes e debates) (*Suely Robles de Queiroz* e *José Sebastião Witter*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Relacionamento entre cursos universitários de História e Arquivos e Museus (*Antonieta de Aguiar Nunes*. FFCL. São Bento. PUC/São Paulo).

As dez Comunicações do Núcleo de Goiás.

Apesar de tãda a sobrecarga da Comissão Organizadora, inerentes às atividades administrativas e sociais, que tiveram início muito tempo antes da instalação do Simpósio, o Núcleo de Goiás apresentou 10 Comunicações, 1/7 dos trabalhos arrolados, de acôrdo com a relação que se segue:

- O trabalhador escravo em Goiás nos séculos XVIII e XIX (*Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).
- O abolicionismo em Goiás (*Maria Augusta de Santana Moraes*. ICHL/IFG. Goiânia. Goiás).
- O trabalhador rural no Sudoeste goiano (*Maria Sônia França e Souza*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).
- O acervo documental do Arquivo Geral do Serviço de Documentação do Estado de Goiás (*Dalísia Elizabeth Martins Doles e Marivone Matos Chaim*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).
- Arrolamento de fontes: livros de receitas de siza de escravos ladinos da Capitania de Goiás (1810-1822) (*Sérgio Paulo Moreyra*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás e *Dulce Helena Álvares Pessoa Ramos*. FFLCH/USP. São Paulo).
- Arrolamento da Imprensa periódica de Goiás (*Dalísia Elizabeth Martins Doles* e *Ana Lúcia da Silva*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).
- Arrolamento das fontes históricas de Pôrto-Nacional (GO) (*Dinair Andrada da Silva*. FFCL/UCG. Goiânia. Goiás).

- Arrolamento das fontes históricas de Luziânia (GO) (*Dinair Andrade da Silva*. FFCL/UCG. Goiânia. Goiás).
- A literatura goiana e o trabalho livre (*Modesto Gomes*. ICHL/UFG. UFG. Goiânia. Goiás).
- Trabalho escravo: produção produtividade nas minas de Goiás (*Luiz Palacin*. ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).

*

Conferências.

Ao se tentar justificar a exigüidade do tempo disponível para as sessões de estudo, já se fez referência ao horário reservado às conferências, que procuram responder a um dos objetivos da entidade, no contexto do ensino universitário, conforme a palavra do Prof. Eurípedes Simões de Paula, na solenidade de abertura dos trabalhos da ANPUH.

Nessa linha proferiram conferências — para um público que à semelhança dos Simpósios anteriores, deveria conter não só os simposiastas, mas também os elementos da sociedade goiana — os seguintes professores:

Jean Sentou, da Faculdade de Letras da Universidade de Toulouse (França), que no momento estava colaborando com o Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e que deu a nota internacional ao Simpósio. Discorreu na noite de 6 de setembro sobre “o emprego dos computadores na História quantitativa”.

Lena Castelo Branco Ferreira Costa, diretora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás, que proporcionou aos simposiastas uma expressiva síntese da história local, conferência essa enriquecida com uma série de *slides* e que contou ainda com a presença do 1º Prefeito de Goiânia, o Prof. Venerando de Freitas Borges. O tema foi o seguinte: “A transferência da Capital do Estado de Goiás” e foi proferida na noite de 10 de setembro.

Finalmente coube ao Prof. *Aziz Nacib Ab'Saber*, diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo e um dos maiores geomorfólogos do Brasil e também especialista de renome internacional, encerrar o tríduo das conferências no sábado, dia 11 de setembro, às 8,00 horas da manhã, dissertando sobre o tema “Domínios de paisagens e domínios históricos do Brasil Sudeste”. Além de facultar o interrelacionamento buscado pela entidade, entre áreas afins do conhecimento humano, foi uma aula magna, uma lição padrão, na linha metodológica a mais moderna, acompanhada de uma terminologia clara, concisa, inconfundível e ilustrada com esboços, gráficos, *croquis*, levando os ouvintes a “sentir” a paisagem.

*

Excursões.

Foi feliz a Comissão Organizadora local, promovendo excursões tanto à novíssima Capital Federal, como às cidades históricas dos arredores da jovem capital goiana. O impacto do presente e do passado. Assim foi que o dia 7 de setembro teve um endereço certo: Brasília. Capital que, assim como seu idealizador — o Presidente Juscelino Kubitchek, vem ocupando manchetes internacionais, por suscitar polémicas e poemas, — o milagre de Brasília!

A Comissão Organizadora, através de suas recepcionistas, de sua secretaria instalada permanentemente, ofereceu aos simposiastas três opções para as excursões do dia 10 de setembro às cidades históricas: Goiás, Pirenópolis e Pousada do Rio Quente.

GOIÁS, a Vila Boa dos bandeirantes, o mais avançado marco da cultura no Centro-Oeste, até o fim do século passado, com o seu Colégio Estadual, antigo Liceu de Goiás, fundado em 1847, o 2º do Brasil; o Palácio do Conde dos Arcos, antiga sede do Governo do Estado; o Museu das Bandeiras, tendo à sua frente o Chafariz, um dos mais belos do Brasil. Ainda contactos diretos com personalidades invulgares, na sua grandeza específica:

Frei Simão Dorvi, O. P., de Piacenza (Itália), dominicano, que há mais de 30 anos, com erudição e humildade vêm preservando, catalogando, verificando os arquivos locais, alimentando meninos abandonados, os pobres desvalidos — éle próprio um outro São Francisco de Assis.

Cora Coralina, pseudônimo consagrado de uma vilaboense que, depois de muitos anos retornou à “velha casa da ponte”, onde escreve versos, manipula doces, corresponde-se com intelectuais das grandes metrópoles. E’ uma *causeur* única, apesar de, ao que parece, incompreendida pelos seus conterrâneos, poderia ser considerada ela própria uma poema!

Goiandira do Couto, surpreende pela técnica, onde parece ser pioneira, de pintar com areia multicolorida da Serra Dourada, paisagens e quadros disputados por Galerias internacionais. Além de artista é uma intelectual com cultura sedimentada num lar privilegiado, sempre pronta para uma viagem às margens do magestoso Araguaia.

Outros vilaboenses poderiam ser focados, mas seria prolongar demais estes já extensos apontamentos. Uma calorosa palavra de agradecimento ao jovem e dinâmico Prefeito Sr. Dário Sampaio de Paiva que recepcionou os visitantes com lauto e histórico banquete, servido em dependências do Colégio Estadual (antigo Liceu de Goiás).

PIRENÓPOLIS, fiel ao seu arraigado tradicionalismo, seus habitantes se dizem *meia-pontenses*, pois o embrão municipal foi o po-

voado da Meia Ponte, erigido por volta de 1727. Hoje, na linha das cidades progressistas, ainda guarda o encanto do passado na arquitetura colonial de suas casas, de suas igrejas, no espírito do seu povo. Destaca-se o gesto de apôio às iniciativas culturais da Prefeitura Municipal, na pessoa de seu Prefeito, o Sr. Luiz Gonzaga Jaime, financiando a publicação da obra, em 2 volumes intitulada: *Esboço Histórico de Pirenópolis*, do historiador Jarbas Jaime, meia-pontense, falecido a 21 de julho de 1968.

POUSADA DO RIO QUENTE. Os cadernos turísticos e periódicos, da nossa imprensa vêm trazendo últimamente amplo noticiário sobre a famosa estância hidro-térmica, situada a 18 kms. da centenária Caldas Novas e 170 kms de Goiânia.

Os simposiastas que a visitaram, municiaram-se de informações para um possível retôrno, em gôzo de férias ou mesmo fins de semana.

ANÁPOLIS, fiel à sua tradição de hospitalidade, a 2a. cidade do Estado, cognominada, desde a arrancada de Brasília, de “encruzilhada da Integração Nacional”. A Prefeitura ofereceu uma feijoada aos simposiastas, tendo o Prof. Luiz Palacin, vice-presidente da ANPUH, agradecido em nome dos congressistas, réplica de uma outra saudação de agradecimento em nome da entidade, feita na cidade de Goiás, pelo professor da Paraíba, Amaury Vasconcelos, que a todos contagiou com o seu charme nordestino.

*

Algumas moções.

Finalizando, as moções; algumas que em sua linguagem poderiam informar das realizações extra-programas, de gratidão dos responsáveis pela entidade, de posições vivificadas pelo costume, eventualmente pelas disposições estatutárias. Como é óbvio, não cabem manifestações que envolvam assuntos pessoais.

Considerando que os ANAIS não foram ainda publicados, focalizar-se-á apenas o pouco a que se pode dar ênfase. Vejamos:

— *18 textos de interesse para a história de Goiás.* Documentando o fato para que os simposiastas não chegassem ao Núcleo hospedeiro completamente desprovidos de conhecimentos — o Prof. Odilon Nogueira de Matos, do Departamento de História da Universidade Católica de Campinas (SP), dedicou todo o nº 25 do seu periódico bimensal, *Notícia Bibliográfica e Histórica* (agosto-setembro de 1971) a divulgação de 18 textos, selecionados com argúcia e capacidade, sobre o passado histórico de Goiás. Seleção, poliantéia, como quiserem, que alcançou a mais merecida receptividade, recebendo por isso mesmo moção congratulatória a despertar no Núcleo mineiro o desejo de merecer algo semelhante.

— *Reedição de Tropas e Boiadas*. Em suas palavras iniciais, o Prof. Eurípedes Simões de Paula, entrosado com a problemática goiana, ao fazer referência à obra de um dos mais autênticos expoentes da cultura goiana, o vilaboense Hugo de Carvalho Ramos, sugeriu dada a oportunidade do cinquentenário de seu falecimento (* 21-IV-1895 † 12-IV-1921) a reedição de seu livro, hoje exgotado, que é *Tropas e Boiadas*. Sugestão que instrumenta uma das moções aprovadas com endêreço certo, à diretora do Serviço de Cultura do Estado de Goiás, Profa. Sylvania de Siqueira Simões.

Departamento Estadual de Cultura.

Por unanimidade foi aprovada uma moção de agradecimento à Divisão de Difusão Cultural da Universidade Federal de Goiás que distribuiu a todos os simposiastas folhetos e livros, editados pelo Departamento Estadual de Cultura, não só sobre Goiânia, mas também sobre o Estado de Goiás, possibilitando assim uma melhor montagem da região.

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

Como atividade didática ininterrupta e das mais oportunas, situa-se com destaque, a assistência oferecida, despretenciosamente, pelo Museu Antropológico, na pessoa do dedicado diretor, Prof. Acary Passos de Oliveira.

Diariamente, em 3 ou mais sessões, proferiu conferências, fez projeções de *slides*, acompanhadas de depoimentos pessoais para os simposiastas e seus familiares que se interessaram sobremaneira pela etnografia goiana. Fato testado pelas calorosas palmas que consagraram a moção congratulatória.

Presença do Arquivo Nacional.

Dentre outra especificidade do VI Simpósio, há a de ter contado com a participação, das mais promissoras, do Arquivo Nacional, graças à extraordinária visão do seu diretor, Prof. Raul de Lima, que enviou a Goiânia, cêrca de 18 cópias fac-similes de documentos sobre aspectos do passado sócio-econômico da então Província de Goiás. Mais ainda, compareceu uma das mais categorizadas auxiliares, a Profa. Myrtes da Silva Ferreira, sub-chefe do Serviço de Pesquisa Histórica e chefe da Secção de Cursos da importante entidade, incansável em atender pedidos de informações de simposiastas interessados. Lamentavelmente o contacto se fez com certo atrazo e daí o fato de não ter sido possível organizar uma expressiva exposição de documen-

tos. Promessa foi feita à ANPUH para contar nos próximos Simpósios com a presença e exposições de documentos do Arquivo Nacional.

Comissão organizadora local.

Os mais calorosos aplausos consagraram as moções de apreço e agradecimento à comissão organizadora local, co-responsável, tanto pela positiva realização do VI Simpósio, como pela manutenção de linha da entidade, que passa a ter um outro ponto de convergência: Universidade Federal de Minas Gerais — Belo Horizonte, setembro de 1973.

Agradecimento ao Governo do Estado de Goiás.

Na linha dos Simpósios anteriores, a tomada de conhecimento da verba endereçada à Comissão Organizadora local, instrumentou moção aplaudida pelos associados presentes.

Pastas Azuis.

Comboiando as 500 pastas contendo material e resumos das comunicações até então recebidas, levados pela Diretoria da entidade, outras 500, menores e expressivamente azuis, oferecidas pela INCA S/A, empresa que, como se sabe, vem patrocinando iniciativas culturais no Estado de Goiás, objetivou uma das moções de agradecimento.

Ao Reitor Farnese.

Finalizando êstes apontamentos, destacar-se-á o caloroso agradecimento endereçado ao “dono da casa”, ao jovem e dinâmico Prof. Farnese Dias Maciel Neto, Reitor da Universidade Federal de Goiás, que, desde a fase preparatória, marcou a sua presença com sugestões e, durante a realização do Simpósio facultou tanto a ida como a hospedagem dos conferencistas convidados.